



## Congregação Geral 16 - 23 de outubro de 2023

### Intuições espirituais

## EMBARGO ATÉ O MOMENTO EM QUE O TEXTO

### É PRONUNCIADO

(Tradução não-oficial)

## "O mais pequeno de todos..." (Mc 4,30)

*Narrar parábolas em vez de fazer proclamações*

### Ir. Maria Grazia Maria Grazia Angelini O.S.B

#### 1. - Prefácio

" **Que palavras são essas que trocáis entre vós, enquanto caminhais?** (Lc 24,17). Ao chegar junto dos dois discípulos que conversavam entre si, Jesus, a partir da pergunta ("que palavras são essas?") e da conseqüente pausa sobre as Escrituras e a fração do pão, transforma o seu caminho num "U". Os nossos discursos chegam agora a um ponto decisivo, deu-se uma certa conversão, temos de a explicar. A Palavra de Deus, ouvida e articulada com os acontecimentos que nos rodeiam, penetra-nos e ilumina-nos. A Igreja, a consciência crente de cada membro, está hoje abalada. Enquanto à nossa volta as guerras sucedem-se, nós desfrutámos da conversa espiritual, escutámos tantos desejos, tantos imperativos, tentativas de leitura da realidade, complexas, inquietantes, ...: que dizer? É, de novo, tempo de levantar o olhar para a luz inspiradora do Evangelho. O Evangelho não produz soluções, mas revela o dinamismo, sempre surpreendente, do Espírito, que realiza.

Pois bem, de onde tive a graça de estar, à margem do Sínodo e em oração, com o Padre Timothy, fomos atraídos por este Evangelho. As duas pequenas parábolas do c. 4 de Marcos, o bilhete de identidade do Reino, são um dos lugares sagrados da revelação do próprio Jesus, **e de como Jesus vê a sua Igreja como** serva do Reino - luz também sobre o caminho sinodal.

#### 2. - A questão é intrigante

"A que se pode **comparar** o Reino de Deus, ou **que parábola usaremos?**": Jesus começa com uma dupla pergunta. Como se quisesse envolver o seu interlocutor - **hoje**, a pergunta volta-se para esta assembleia sagrada - na **sua** tentativa de propor ao povo de Deus, e não só, um resumo do caminho.

Jesus contou tantas parábolas, "a beleza da sua revelação é que nos falou de Deus e do homem *juntos*, um no outro. Por isso, "a revelação de Jesus é parabólica, e **assim deve ser a existência cristã**" (B. Maggioni). Por esta razão, **Jesus atrai aqui os ouvintes para a sua arte narrativa.**

E a questão diz-nos profundamente respeito hoje. O Reino de Deus deve ser sempre anunciado "numa parábola", isto é, num ponto de conjunção entre a sua presença e a nossa experiência, caso contrário o seu mistério transcendente soa estranho. Um ponto de conjunção que é simbolicamente indicativo, não conclusivo.

Como dizer, então, hoje, o mistério do Reino, do crescimento surpreendente e dramático, narrando estes dias do caminho sinodal, com palavras de carne?

### 3. - *Como uma semente semeada, caída na terra*

O objetivo da parábola é o **contraste**. A mais pequena das sementes – a grande planta hospitaleira. Ela dá-nos uma ideia de **como Jesus vê a sua** própria história e a da Igreja; e qual é o seu estilo. A imagem da semente é-lhe cara, retoma-a sempre: mesmo e precisamente na hora final, diante dos gregos que pedem para ver: "Se o grão de trigo que cai na terra não morrer, fica só; se morrer, dá muito fruto (...) onde eu estiver, aí estará também o meu discípulo" (Jo 12,24). Aí a imagem terá toda a sua luz pascal. **É uma luz:** o segredo do grão que é lançado, entregue, misturado com a terra até morrer, torna-se uma planta hospitaleira. Somos chamados a captar o alcance inspirador da imagem. É um mistério de geração, de aliança gratuita. O grande desafio de Deus, amante dos homens.

Jesus, como Filho totalmente entregue à vontade do Pai, confiando plenamente no poder d'Aquele que o enviou ao mundo, elabora aqui a sua própria **kenosis** na terra, discerne paradoxalmente os sinais do que poderia parecer um fracasso **e oferece à sua Igreja a capacidade de discernir os sinais do Reino**.

Deste modo, evita que o paradoxo do Reino se dilua numa compreensão mistificadora - que tanto seduz os discípulos, sempre - antes que a **cruz ofereça o último e decisivo sinal interpretativo**. É na entrega final de Jesus, na Eucaristia celebrada a meio da noite, que a Igreja, agarrada a essa "**árvore abençoada**", cresce e se ramifica. E projecta-se em novos ramos, com cada repentino bando de pássaros que procuram sombra, que procuram um ninho para as novas gerações.

E assim, somos provocados a tecer a nossa própria narrativa parabólica, a amadurecer a resposta evangélica aos desafios, à pobreza, à desorientação dos nossos dias.

### 4. - *Captar o poder revelador e performativo da parábola*

É preciso muito silêncio, e verdadeira humildade, para captar a **dynamis** da Palavra em si mesma e na Igreja e dar-lhe espaço. O sentido surpreendente do pequeno como portador do futuro marca o estilo de Jesus. Diz os gostos de Deus. O Reino de Deus acontece **assim**. Jesus vê-se na semente humilde, nua e desprezível, inaparente, abjecta, sem beleza, **sozinha** (até morrer), inerte na aparência, a apodrecer - através da entrega à terra - ela ganha vida num dinamismo imprevisível, imparável, hospitaleiro. E no dinamismo da entrega à terra, dá origem ao Reino. E **torna-se abrigo** para que, à sua sombra, todas as aves do céu encontrem repouso e um lugar para nidificar.

**O contraste e a continuidade** entre a humildade do ponto de partida (a semente) e a grandeza do ponto de chegada (a árvore) marcam também a experiência da fé: isto deve surpreender-nos novamente hoje. Apercebemo-nos disso, nas muitas intervenções na sala. E do Evangelho recebemos o fio condutor do sentido.

A parábola **dá-nos assim a linguagem para interpretar** o itinerário deste mês de sementeira. Hoje - numa cultura de busca de supremacia, de lucro e de seguidores, ou de evasão - a paciente sementeira deste sínodo é, em si mesma, como um ato profundamente subversivo e revolucionário. Na lógica da mais pequena das sementes que se afunda na terra. Assim, o sínodo parece-me ser chamado a ousar **uma síntese-como-sementeira**, a abrir um caminho para a reforma - nova forma - que a vida exige.

Trata-se de agarrar - entre as muitas palavras ouvidas - "o mais pequeno", cheio de futuro, e ousar imaginar como entregá-lo à terra que o fará amadurecer e tornar-se um lugar hospitaleiro: "*Com que parábola contaremos?*"

"*Como é que isto há-de acontecer?*", perguntava-se Maria de Nazaré (Lc 1, 33.37). E Ela, envolta pelo Espírito, aprende esta arte desde o seu próprio ventre e canta a sua parábola impossível no Magnificat. E ensina-nos como até uma pequenina, a menina da Galileia, pode harmonizar-se com a força do Espírito e ler a história. Propor visões audazes. Fazer gestos proféticos. Sem as protecções dos poderosos e dos ricos.

É do Espírito, a arte de captar e narrar semelhanças inéditas entre o Reino de Deus e as realidades mais simples, mínimas, frágeis e vitais da terra, semelhanças que abrem o futuro.

E aqui, que consonâncias encontramos, nas conversas destes dias abençoados, e **como as contamos?** A história quotidiana das igrejas está cheia de parábolas, que esperam ser narradas com o nosso olhar fixo nos olhos de Jesus. Em cada história de igreja somos chamados a reconhecer **a forma cristológica da pequenez e a forma cristológica da transformação plenamente revelada na cruz, "árvore alta"**. A grandeza hospitaleira amadureceu através da descida à terra, da entrega livre e amorosa.

Pelo contrário, as histórias que se contam hoje em dia retiram os seus significados dos lugares comuns de uma cultura homologada, ou de melancólicas *ficções mirabolantes*, ou, pelo contrário, de desconsoladas repetições de Godot.

É preciso muito silêncio e verdadeira humildade.

*A formação da consciência dos baptizados*

Deus está a transformar o mundo, a curar feridas, a perdoar e a ultrapassar os nossos fracassos, colocando-se visivelmente - como "o mais pequeno" - ao lado e dentro dos processos do mundo. A questão é ver isso e criar, e alimentar, narrativas concretas sobre isso. "**Na terra**": lugar de não aparição, escuridão das raízes, lugar de gestação promissora. **A humanidade tentada pelo pós-humano. Há um** serviço do Reino que requer uma paciência perspicaz e confiante. E um cuidado astuto.

A parábola chama-nos com força a levar a sério esse "mais pequeno" que é o homem (Sl 8), que alberga uma força geradora transcendente. **O trabalho das raízes deve amadurecer a partir da formação da consciência. O mais pequeno é - em Jesus - cada batizado, que é, no entanto, chamado a entrar em sinergia com o dinamismo surpreendente da semente lançada.** Isto significa dissociar decididamente a pastoral de qualquer perspectiva estatística, eficiente, processual, erigida em sistema. **Centrar-se na formação da consciência dos baptizados.** Num mundo saturado de *hybris*, tentado pelo pós-humano.

Rezo para que este Sínodo receba a arte de novas narrativas, a humildade radical de quem aprende a reconhecer a semelhança do Reino nos dinamismos mais verdadeiros e vitais do humano, dos vínculos primários, da vida que pulsa misteriosamente em todos os mundos e esferas da existência humana, numa admirável harmonia oculta. Com tanta paciência. A capacidade de perscrutar a noite.

Bom trabalho final: na narração de novas parábolas, que dão a pensar, a crescer, a esperar, a caminhar - juntos.